

EDITORIAL

v. 22, n. 2, maio/ago., 2018

A QUESTÃO DO FATOR DE IMPACTO COMO MÉTRICA E INDICADOR DE QUALIDADE DE PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS: INDAGAÇÕES E INCERTEZAS

Coisas que hoje refletem o momento e a forma como a pesquisa científica e os estudos acadêmicos se apresentam de fato. Um periódico de publicações como este – RPGE – bem como todos os demais disponíveis, procuram atender a um princípio básico definidor de sua existência: a divulgação de estudos, reflexões, resenhas, ensaios produzidos, em geral academicamente. Nesse sentido e contexto, qual o papel e função de um medidor de impacto para essas publicações? Porque um medidor de impacto para as publicações científicas? Para que serve? Como concebê-lo, equacioná-lo e, principalmente, como aplica-lo? Nesse contexto, repleto desse tipo de indagações, precisa-se de outras que não contemplem esse pressuposto. Como por exemplo; a quem interessa um Fator de Impacto? Por que se precisa de um Fator de Impacto? Por que se tem que ter sempre uma métrica que simplifica um adensamento qualitativo, geralmente muito complicado para se compor e explicar. Essas métricas em forma de equações sempre simplificam a demonstração, mas ocultam componentes mais subjetivas e abstratas. A questão de princípio: por que publicamos nossos estudos? A quem interessa, de fato, esses estudos? Quem e porque devem acessar essas nossas publicações? Que outros estudos (ou estudiosos) devem nos “citar”, quando e porquê?

Agora vejamos, porque não considerar apenas fato de a publicação ser ou não reconhecida como “científica” por seus vínculos institucionais e deixar que os leitores decidam se é qualificado ou não? Por que não deixamos que o “qualis” nos sejam auferidos pelos que nos leem, mas sem atribuição de conceitos.

O fator de impacto como indicador de qualidade, pelos princípios considerados nessa discussão, irá sempre colocar o periódico em uma direção que não é a dos leitores, pelo menos não diretamente, mas sim pela via dos intermediários, por meio das indexações às bases de dados de grande espectro e complexidade que se servem das

redes de alta performance. Essas estruturas, com seus códigos criptográficos, suas metáforas, modelos, riscos, interdisciplinaridade, complexidade, atualização, manutenção, segurança e inúmeras outras componentes necessárias à sua própria natureza e dinamismo, tem custos muito altos. Considerações estas que não desmerecem ou desqualificam os serviços que prestam à comunidade científica na distribuição e visibilidade de seus (nossos) conteúdos. Porém, a partir de então, ser determinante da qualidade destes conteúdos pela distribuição que faz e pela visibilidade que propicia está, absolutamente, além de seus atributos. Com efeito, a adesão a esse serviço deve ser voluntária e sem qualquer relação direta para além dela. Ou seja, uma adesão voluntária do veículo (serviço) a determinada base de dados não deve (ou não deveria) ter influência sobre o conceito a ser obtido por um programa de pós-graduação avaliado por agências de fomento e, nesse sentido, o Fator de Impacto menos ainda. Aqui tem-se algumas indagações e preocupações desta Editoria com uma criatura que se agiganta para além do criador. O próprio Eugene Garfield, criador pioneiro no campo da Citation Analysis, responsável pelo Science Citation Index e fundador do Institute for Science Information, questiona a legitimidade do Fator de Impacto ao compreender a facilidade com que pode ser manipulado através de técnicas como autocitação, causando inflação desse número para determinadas revistas e periódicos. Assim, mesmo considerando seus benefícios, não se pode negar que o Fator de Impacto também apresenta muitos problemas que também merecem atenção. Ainda sobre as lacunas apresentadas por esse Fator, comentadas pelo próprio criador, entre outros autores, e para além da autocitação, é que os periódicos com maiores FI costumam ser aqueles que publicam artigos de revisão, pois são artigos que recebem mais citações. Logo, revistas que valorizam os trabalhos inéditos ou com reflexões em profundidade e que, por isso, precisam de tempo para mais análises podem se prejudicar em uma métrica como essa, pois terá menos “impacto” dentro dos dois anos avaliados após a publicação desses artigos”. Apesar disso e de estarmos distante do consenso para a validade e adequação desta ferramenta como instrumento ideal para medir a qualidade de um artigo ou da produção científica de docentes e pesquisadores em programas de pós-graduação, esse Fator continua sendo utilizado intensamente, uma vez que sua usabilidade é simples. É um indicador forte e tem peso significativo nas avaliações dos programas de Pós-graduação pela CAPES; facilitam a proposição de ranking, já é considerado como item qualificador de currículos de pesquisadores por órgãos de fomento, influenciam financiamentos de pesquisa e

também como indicadores de qualidade das pesquisas em si, porém nesse momento surgem e se avolumam as críticas quanto às suas limitações e insuficiências.

A American Society for Cell Biology em San Francisco parece ver também por essa perspectiva, pois, durante a sua Reunião Anual em dezembro de 2012, desenvolveu e apresentou sua declaração sobre o Fator de Impacto onde recomenda eliminar o seu uso nas pesquisas e nas publicações científicas. Para além de argumentos puramente acadêmicos, penso ser o momento para certa reflexão sobre os periódicos novos (ou de áreas com pouca visibilidade) com poucos recursos (incluindo-se os financeiros) que estão (e certamente estarão) em condições absolutamente desfavoráveis para se qualificarem, o que acarretará efeitos colaterais, por vezes, desastrosos para além do próprio periódico. Aqui pode-se perguntar: então não se deve ter nenhuma métrica para se determinar qualidade de Publicação Científica? Quando essa métrica vai além de sua finalidade, desconsiderando seus princípios, permitindo subjetivamente inferir qualidades que extrapolam sua forma, a resposta é não. Contudo, cada periódico tem liberdade para optar pela métrica que quiser, até mesmo o FI, mas a obrigatoriedade dessa afiliação, para todas as publicações de forma linear, não há como considerar razoável, pois, entre outras coisas, aqui surge uma das principais componentes do produtivismo acadêmico e os problemas a ele associados. O produtivismo é gerador de certa pressão por resultados que, por sua vez, desencadeia problemas de conduta científica fragilizando todo um sistema. Acredita-se que essa fragilidade seja acentuada por fatores inerentes à estrutura do sistema científico como o “publique ou pereça”; a insegurança social e política; o economicismo anacrônico; o corporativismo exacerbado; o “desejo” por resultados positivos – certamente o maior produtor de dados fraudulentos – entre outros. Aqui cabe destacar que países como Estados Unidos, Alemanha, Japão, China e Reino Unido estão entre os países com maior número de retratações publicadas por conduta científica inapropriada. Embora considera-se as retratações algo significativamente saudável, sua necessidade é que geralmente revela algo de inadequado na origem da publicação. Para um contexto que se apresenta dessa forma, o FI se torna incompatível, insuficiente e inadequado como métrica de qualidade para a produção científica, tanto pelo número de diferentes variáveis que a equação deva contemplar, como para qual o peso de cada uma delas em relação ao todo, uma vez que esse peso não pode ser o mesmo para diferentes revistas. É razoável afirmar que uma revista de menor fator de “impacto” traz, no conjunto de seus textos, conteúdos menos importantes que as revistas de maior “impacto”? Tem se visto nas discussões que

envolvem diretamente os Editores uma intensa busca para adequarem as revistas sob sua Editoria às determinantes de componentes qualificadoras estabelecidas por grandes bases de dados que, por sua vez, passam a ser uma espécie de “grife” para publicação. Mas são essas “grifes” que produzem os estudos? Apesar de não produzirem, têm determinado como, quando e onde eles devem ser escritos e publicados e, em certos casos ainda se tem um custo a pagar? Nesse contexto há que indagar: a quem atendemos (ou devemos/deveríamos atender) ao desenvolver as nossas pesquisas? Aos nossos pares, a comunidade científica e a sociedade ao darmos visibilidade para o nosso trabalho, nossas reflexões, nosso modo de ver o objeto de nossas investigações, ampliamos os espaços de debates e compreensão sobre nosso campo de estudos, suas variáveis, seus comportamentos, suas demandas. De certa forma prestamos conta do que estamos fazendo, somos estudiosos das humanidades, formadores de opinião junto a população e, como tal, prestamos esse serviço à sociedade com a responsabilidade de levar a ela o esclarecimento, o debate, a reflexão e a crítica.

Os Editores